



# **FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

## **ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1º ciclo do 2º bimestre da 3ª série

Eixo bimestral: **POESIA, CRÔNICA E ROMANCE NO PÓS-MODERNISMO/ ARTIGO DE OPINIÃO, EDITORIAL E ENSAIO**

### **Gerência de Produção**

Luiz Barboza

### **Coordenação Acadêmica**

Gerson Rodrigues

### **Coordenação de Equipe**

Bárbara Fadul

### **Conteudistas**

Marli Pereira

**Edição On-Line Revista e Atualizada**

**Rio de Janeiro**

**2014**



## O que ensinar?

### LEITURA

- Relacionar as características dos editoriais e crônicas jornalísticas às produções literárias contemporâneas.
- Reconhecer os neologismos como recurso expressivo presente nos textos propostos.
- Analisar os recursos expressivos usados pelos autores para veiculação de ideologias/estereótipos.
- Reconhecer os efeitos expressivos do registro de fluxo da consciência e do discurso indireto livre.
- Identificar referências e/ou diálogos com outros textos/produções artístico-culturais.
- Reconhecer a fragmentação do discurso como mecanismo expressivo.

### USO DA LÍNGUA

- Reconhecer marcas linguísticas que remetem a informações implícitas, pressupostos e subentendidos.
- Identificar as figuras de linguagem (como metáfora e ironia) que produzem diferentes efeitos estilísticos.
- Reconhecer a carga semântica de afetividade ou ironia no emprego de verbos e adjetivos.

- **Distinguir os tipos de discurso (direto, indireto e indireto livre) presentes nos gêneros estudados.**

- **Analisar os diferentes recursos linguísticos utilizados na escrituração de editoriais e ensaios.**

- Analisar relações lógico-discursivas marcadas por conectores coordenativos e subordinativos.

### **PRODUÇÃO TEXTUAL**

- **Produzir artigos de opinião e ensaios críticos sobre questões de diversidade, diferença e desigualdade.**

### **COMO ENSINAR?**

Nesta seção, as habilidades e competências deste 1º ciclo do 2º bimestre serão trabalhadas a partir de uma sequência didática que sugere práticas para serem aplicadas em sua sala de aula. De forma semelhante, as referências bibliográficas indicadas nesta seção se direcionam, especificamente, às habilidades/competências deste ciclo.

#### **Sequência didática: romance no pós-modernismo, editorial e crônica jornalística.**

Nesta sequência, foram agrupados cinco descritores de *Leitura* e dois de *Uso da língua* previstos para este bimestre, que enfatizam o pós-modernismo.

#### **Leitura:**

- *Relacionar as características dos editoriais e crônicas jornalísticas às produções literárias contemporâneas.*

- *Analisar os recursos expressivos usados pelos autores para veiculação de ideologias/estereótipos.*
- *Reconhecer os efeitos expressivos do registro de fluxo da consciência e do discurso indireto livre.*
- *Identificar referências e/ou diálogos com outros textos/produções artístico-culturais.*
- *Reconhecer a fragmentação do discurso como mecanismo expressivo.*

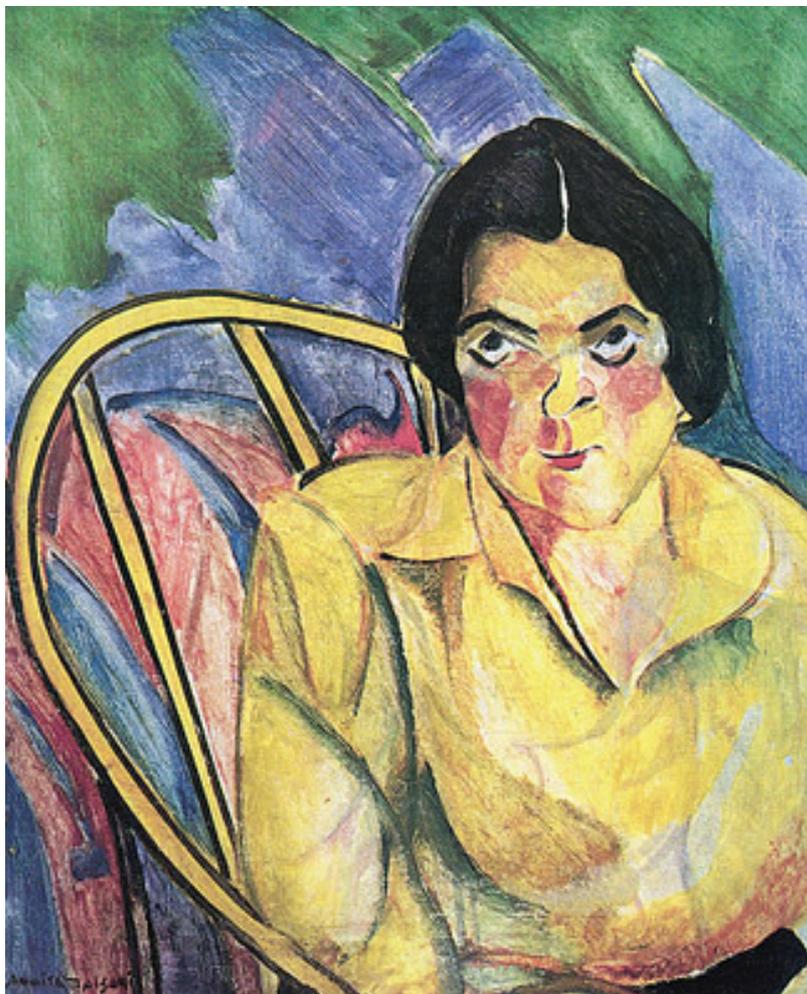
**Uso da língua:**

- *Analisar os diferentes recursos linguísticos utilizados na escrituração de editoriais e ensaios.*
- *Distinguir os tipos de discurso (direto, indireto e indireto livre) presentes nos gêneros estudados.*

**PASSO 1: APRESENTAR O ROMANCE NO PÓS-MODERNISMO**

A produção literária brasileira, após a década de 40, apresenta-se como um verdadeiro mosaico no qual diversas vertentes podem ser incluídas. Apesar dessa diversidade de estilos, duas características mostram-se recorrentes em diversas obras: a busca existencial e a reflexão sobre o próprio fazer literário(metalinguagem).

Antes de você analisar algumas obras representativas desse período seria interessante apresentar o quadro abaixo, intitulado “A boba”, produzido em 1916 por Anita Malfatti, uma das maiores artistas do Modernismo brasileiro.



**Figura 1**

*A boba*, de Anita Malfatti<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Disponível em

[http://www.itaucultural.org.br/bcodeimagens/imagens\\_publico/005882001019.jpg](http://www.itaucultural.org.br/bcodeimagens/imagens_publico/005882001019.jpg)

Apesar de não ser uma produção pós-moderna, é possível recuperar, no quadro, algumas características marcantes das manifestações artísticas desse período. Você poderia explorar alguns aspectos do quadro a partir das seguintes perguntas:

- (1) Que imagem o quadro retrata?
- (2) Quais são as cores predominantes na tela?
- (3) Por que se destaca a cor amarela, tanto na roupa da mulher quanto na sua pele?
- (4) Que tipo de sentimento a fisionomia feminina parece expressar?

Em (1), provavelmente, o aluno irá responder que o quadro retrata uma figura feminina. Você pode ressaltar que a figura humana é central na obra de Anita Malfatti. A artista busca mostrar o ser humano em sua essência, procurando desvendar o que se passa em seu interior; é importante acrescentar que suas obras eram reconhecidas como expressionistas.

Em (2), os alunos observarão que a tela é construída com uma orquestração de cores: verde, azul, vermelho e amarelo, realçando as zonas cromáticas delineadas pelas linhas pretas, na maioria, diagonais – de ordenação cubista<sup>2</sup>. Destaque, para eles, que essa conjugação cromática, marcada por traços fortes, coloca a figura feminina em primeiro plano.

Em (3), os alunos serão estimulados a perceber que, entre manchas vermelhas e verdes, a cor amarela predomina e tinge o rosto e a blusa da figura; comente, com eles,

---

<sup>2</sup> Seria interessante comentar que a obra de Anita Malfatti também sofre influências do movimento cubista. Essa manifestação, nas artes plásticas, tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas, representando as partes de um objeto no mesmo plano. A representação do mundo passava a não ter nenhum compromisso com a aparência real das coisas.

que é possível associar a predominância dessa cor a uma doença que se alastra pelo quadro, contaminando a área; acrescenta-se que a mulher retratada parece alheia à realidade que a circunda, como se estivesse ausente deste mundo; nesse momento, é importante que você leve os alunos a associarem essas percepções ao título da obra, já que a expressão da mulher aliada à denominação de “boba” pode sugerir uma incapacidade de coordenar pensamentos ou, ainda, um estado de demência.

Finalmente, em (4), os alunos espera-se que os alunos apresentem respostas diversas, já que a impressão sensorial do quadro pode divergir de pessoa para pessoa. Alguns podem dizer que a fisionomia feminina parece expressar dor, tristeza, angústia, raiva, demência entre outras.

O importante é frisar que a obra de Malfatti apresenta influências do movimento expressionista, surgido na Alemanha, no início do século XX. Essa manifestação artística procura deformar a realidade para expressar de forma subjetiva a natureza e o ser humano, valorizando a expressão de sentimentos. O expressionismo é um reflexo do sentimento de angústia que assola a Europa no período anterior à primeira guerra e que se estende até a segunda guerra, daí seu caráter existencialista, seu anseio metafísico e sua visão trágica do ser humano.

Após a apresentação desse quadro, você pode comentar que essa busca existencialista também se refletiu na literatura pós-moderna e teve um papel de destaque na obra de **Clarice Lispector**, uma grande escritora brasileira. Você pode propor a leitura de um trecho da obra *A hora da Estrela*<sup>3</sup>, dessa autora. Antes da leitura, caso seja

---

<sup>3</sup> LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, pp. 23-30.

possível, seria interessante assistir ao *trailer*<sup>4</sup> do filme baseado nessa obra para estimular ainda mais a atenção da turma.

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça. Moça essa – e vejo que já estou quase na história – moça essa que dormia de combinação de brim com manchas bastante suspeitas de sangue pálido. Para adormecer nas frígidas noites de inverno enroscava-se em si mesma, recebendo-se e dando-se o próprio parco calor. Dormia de boca aberta por causa do nariz entupido, dormia exausta, dormia até o nunca. [...] A sua cara é estreita e amarela como se ela já tivesse morrido. E talvez tenha.

Tudo isso eu disse tão longamente por medo de ter prometido demais e dar apenas o simples e o pouco. Pois esta história é quase nada. O jeito é começar de repente assim como eu me lanço de repente na água gélida do mar, modo de enfrentar com uma coragem suicida o intenso frio. Vou agora começar pelo meio dizendo que –

– que ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim. (Vai ser difícil escrever esta história. Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus. Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona).

Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. Isso disse ele. Quanto à moça, achou que se deve por respeito responder alguma coisa e falou cerimoniosamente a seu escondidamente amado chefe:

– Me desculpe o aborrecimento.

---

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ACyrHmbINfg>.

O senhor Raimundo Silveira – que a essa altura já lhe havia virado as costas – voltou-se um pouco surpreendido com a inesperada delicadeza e alguma coisa na cara quase sorridente da datilógrafa o fez dizer com menos grosseria na voz, embora a contragosto:

– Bem, a despedida pode não ser para já, é capaz até de demorar um pouco.

Depois de receber o aviso foi ao banheiro para ficar sozinha porque estava toda atordoada. Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem algum. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara todo deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem.

(Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem, está bem. Se não, também está bem. Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio?)

Quando era pequena sua tia para castigá-la com medo dissera-lhe que homem-vampiro – aquele que chupa sangue da pessoa mordendo-lhe o tenro da garganta – não tinha reflexo no espelho. Até que não seria de todo ruim ser vampiro pois bem lhe iria algum rosado de sangue no amarelado do rosto, ela que não parecia ter sangue a menos que viesse um dia a derramá-lo.

A moça tinha ombros curvos como os de uma cerzideira. Aprendera em pequena a cerzir. [...] Ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acredita. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditarem alguém ou em alguma coisa – basta acreditar. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé.

(Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce obediente.)

Viu ainda dois olhos enormes, redondos, saltados e interrogativos – tinha olhar de quem tem uma asa ferida – distúrbio talvez de tiróide, olhos que perguntavam. A quem interrogava ela? A Deus? Ela não pensava em Deus, Deus não pensava nela. Deus é de

quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus. Não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas. Era lá tola de perguntar? E de receber um “não” na cara? Talvez a pergunta vazia fosse apenas para que um dia alguém não viesse a dizer que ela nem ao menos havia perguntado. Por falta de que lhe respondesse ela mesma parecia se ter respondido: é assim porque é assim. Existe no mundo outra resposta? Se alguém sabe de uma melhor, que se apresente e a diga, estou há anos esperando.

Enquanto isso as nuvens são brancas e o céu é todo azul. Para que tanto Deus. Por que não um pouco para os homens.

Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. [...] Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. De dia usava saia e blusa, de noite dormia de combinação. Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofendê-la. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio.

[...] Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era. Antes de nascer ela era uma idéia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer? Mas que fina talhada de melancia.

Há poucos fatos a narrar e eu mesmo não sei ainda o que estou denunciando.

Agora (explosão) em rapidísimos traços desenharei a vida pregressa da moça até o momento de espelho do banheiro.

Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. [...] As pancadas ela esquecia pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida. Pois não era que esse castigo se tornara o predileto da tia sabida? A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida.

Esse não-saber pode parecer ruim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome; nasce-se e fica-se logo sabendo. Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.

Quando era pequena tivera vontade intensa de criar um bicho. Mas a tia achava que ter um bicho era mais uma boca para comer. Então a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas pois não merecia o amor de um cão. Do contacto com a tia ficara-lhe a cabeça baixa. Mas a sua beatice não lhe pegara: morta a tia, ela nunca mais fora a uma igreja porque não sentia nada e as divindades lhe eram estranhas.

Pois a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável [...].

Apesar da morte da tia, tinha certeza de que com ela ia ser diferente, pois nunca ia morrer. (É paixão minha ser o outro. No caso a outra. Estremeço esquálido igual a ela).

O definível está me cansando um pouco. Prefiro a verdade que há no prenúncio. Quando eu me livrar dessa história, voltarei ao domínio mais irresponsável de apenas ter leves prenúncios. Eu não inventei essa moça. Ela forçou de dentro de mim a sua exigência. Ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como uma idiota. A moça que pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome. Só eu a amo.

Depois – ignora-se por quê – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjava emprego, finalmente morreria e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas.

O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro. (O que é que há? Pois estou como que ouvindo acordes de piano alegre – será isto o símbolo de que a vida da moça iria ter um futuro esplendoroso? Estou contente com essa possibilidade e farei tudo para que esta se torne real).

Esse trecho faz parte do último romance de Clarice Lispector, publicado pouco antes de sua morte e considerado a obra de natureza mais social da autora. Nele, através de um personagem-narrador, Rodrigo S.M.<sup>5</sup>, a história da emigrante nordestina, datilógrafa, quase analfabeta, moradora da cidade do Rio de Janeiro é “denunciada”.

A partir desse trecho, vale a pena levantar alguns questionamentos com seus alunos a respeito da obra, para que eles possam entender sua magnitude. Você pode começar, por exemplo, com questionamentos simples, como os sugeridos a seguir:

- (1) Qual é o lugar de origem e de chegada da personagem descrita no trecho?
- (2) Quais as condições de vida da sertaneja na cidade grande?
- (3) Quais características físicas de Macabéa, a emigrante nordestina, são possíveis recuperar?
- (4) Que semelhanças há entre Macabéa e a mulher retratada no quadro “A boba” de Anita Malfatti?
- (5) Qual é a relação que se pode estabelecer entre a trajetória de Macabéa e o movimento migratório brasileiro?

Em (1), os alunos, provavelmente, apontarão que a personagem Macabéa nasceu no sertão Alagoano e, quando jovem, migrou para a cidade grande, Rio de Janeiro. Estimule-os a recuperarem, no texto, fragmentos que comprovem a resposta (“Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas,[...]”; “Depois – ignora-se por quê – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a

---

<sup>5</sup> Nome da figura masculina inventada pela romancista.

tia lhe arranjava emprego, finalmente morrera e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto[...]'").

Em (2), os alunos devem ter a percepção de que a nordestina vive em péssimas condições no Rio de Janeiro, já que, por exemplo, precisa dividir um quarto, localizado num ambiente sujo e pobre, com outras moças e está prestes a ficar desempregada. Você pode ressaltar que a cidade grande não ampara de forma digna o retirante, fazendo com que este viva à margem da sociedade. Para reforçar essa afirmação, você pode apontar alguns trechos que ilustram essa marginalização: “Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio.”, “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável”. Acrescente, ainda, que esses trechos podem revelar uma crítica implícita à sociedade capitalista, consumista e reificada<sup>6</sup>, em que se valorizam apenas as pessoas com poder aquisitivo, em que o valor das pessoas é mensurado pelos seus bens materiais.

Em (3), os alunos poderão recuperar que o narrador descreve a protagonista como uma mulher raquítica, cabeça baixa, ombros curvados, olhos salientes, pele amarelada, sem sangue, como, se comprova, entre outros, nos seguintes trechos: “A sua cara é estreita e amarela como se ela já tivesse morrido.”; “ela que não parecia ter sangue”; “A moça tinha ombros curvos como os de uma cerzideira.”; “Viu ainda dois olhos enormes, redondos, saltados e interrogativos – tinha olhar de quem tem uma asa ferida...”; “No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto.”. Leve a turma a refletir que essas características, provavelmente, são sequelas da vida dura, sofrida e miserável que a personagem tem, marcada pela fome, pela perda, pelos maus-tratos.

---

<sup>6</sup> Transformar em coisa algo que não o é.

Em (4), ao associarem a personagem Macabéa à mulher retratada na tela de Malfatti, os alunos poderão notar (a) que as duas mulheres se apresentam com uma aparência de pessoa doente (pele amarela), “pois bem lhe iria algum rosado de sangue no amarelado do rosto, ela que não parecia ter sangue a menos que viesse um dia a derramá-lo”; (b) que ambas parecem indiferentes ao que se passa a sua volta, já que “a boba” é retratada com um olhar perdido em algum ponto e Macabéa é tida como tola (“sua cara de tola, rosto que pedia tapa”, “Ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como uma idiota”); e (c) que as duas revelam um estado de ausência (“Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim.”), no entanto, enquanto “a boba” se ausenta da realidade devido ao seu provável estado de demência, Macabéa é alienada por não ter consciência de sua real situação, aceitando passivamente seu estado de exclusão (“mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida”). Você pode frisar que a presença da tolice no romance é uma forma de denúncia das convenções, das hipocrisias sociais e da ideologia dominante.

Por fim, em (5), os alunos podem responder que a personagem representa milhares de nordestinos que, submetidos à fome, à miséria e às doenças, provocadas pelas secas e pelo descaso das autoridades, saem de suas terras em busca de melhores condições de vida nas grandes cidades. Estimule-os a perceberem que a nordestina não somente é a metáfora do sofrimento de um povo, mas também expressa a dor presente em todo o ser humano relacionada a camadas mais profundas do ser.

Um aspecto que merece destaque, no romance, é a utilização de diferentes tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre. É imprescindível que os alunos sejam levados a conhecer e identificar traços privilegiados de cada discurso narrativo, inclusive, como estratégias discursivas para atingir determinado objetivo.

No discurso direto, por exemplo, encontra-se o direito de voz das personagens – ocorre, normalmente, em diálogos com o propósito de permitir que características da fala e da personalidade das personagens sejam destacadas e expostas no texto. Nesse tipo de discurso, as aspas ou o travessão são recursos gráficos, geralmente, utilizados para diferenciar o momento em que a personagem entra em cena na história (“– Me desculpe o aborrecimento.”; “– Bem, a despedida pode não ser para já, é capaz até de demorar um pouco.”).

Já no discurso indireto, há um narrador que conta a história, que intermedeia, apresentando os fatos e recontando os diálogos. Nesse tipo de discurso, o narrador assume a responsabilidade de reproduzir a fala da personagem e, por isso, esse dizer ocorre de maneira indireta. É importante que os alunos percebam que, nesse caso, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem: a transcrição não é mais literal, mas subordinada às impressões de quem produz o texto (“errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. Isso disse ele.”; “ela mesma parecia se ter respondido: é assim porque é assim.”).

É interessante você acrescentar que o discurso indireto, quando indica fala de personagem, e o direto costumam vir acompanhados de um verbo de elocução (“*falou* cerimoniosamente a seu escondidamente amado chefe”; “errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. Isso *disse* ele.”).

Depois de revisitar esses dois tipos de discurso, mais comuns nas narrativas em geral, é importante recordar o discurso indireto livre, no qual se encontram diferentes pontos de vista. Comente que esse tipo de discurso é uma mistura dos discursos direto e indireto, pois duas vozes (narrador e personagem) se fundem, como nos exemplos a seguir:

*“Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem algum. **Sumira por acaso a sua existência física? [...]**”.*

*“Viu ainda dois olhos enormes, redondos, saltados e interrogativos – tinha olhar de quem tem uma asa ferida – distúrbio talvez de tiróide, olhos que perguntavam. **A quem interrogava ela? A Deus? Ela não pensava em Deus, Deus não pensava nela. Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus.**”*

*“A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era. **Antes de nascer ela era uma idéia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer? [...]**”.*

Esses trechos, assim como boa parte da obra em estudo, conjugam vozes diferentes que dialogam entre si, porém sem as marcações tradicionais. A narração é feita não só do ponto de vista do narrador, mas também da outra voz (a da personagem Macabéa), provocando uma descontinuidade na sequência da história.

É interessante destacar, para os alunos, que o discurso indireto livre é um recurso muito utilizado no cenário da narrativa pós-moderna, pois tende a priorizar a multiplicidade do indivíduo. Acrescente que a verdade, antes absoluta e objetiva, se relativiza nas produções desse período ao se buscar pensar o impensável: a própria existência humana e seus dilemas. O dialogismo, portanto, é intensamente explorado nas obras pós-modernas.

Após trabalhar esses aspectos, você pode aprofundar algumas características representativas da arte literária de Clarice Lispector, presentes na obra em estudo. Um traço relevante é a presença da **religiosidade** que pode ser ilustrada a partir de diversos

trechos, como: “A quem interrogava ela? A Deus? Ela não pensava em Deus, Deus não pensava nela. Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus.”; “Enquanto isso as nuvens são brancas e o céu é todo azul. Para que tanto Deus. Por que não um pouco para os homens.”; “Do contacto com a tia ficara-lhe a cabeça baixa. Mas a sua beatice não lhe pegara: morta a tia, ela nunca mais fora a uma igreja porque não sentia nada e as divindades lhe eram estranhas.”. Mostre aos alunos que esses trechos revelam um ser em conflito com a religião e com sua própria existência, com seu estar no mundo: a religião que salva é a mesma que pune, que exclui.

Por abordar a religiosidade dessa forma, pode-se perceber que Clarice demonstra atitude descrente e problematizadora em relação a qualquer forma de tradição, seja religiosa, seja literária. É interessante acrescentar que, ao revelar a existência da nordestina e o seu eu-interior, Clarice se autorrevela, pois as histórias de Macabéa e da autora se imbricam, não tendo como separar uma da outra. Para esclarecer que esse traço autobiográfico se mostra latente no romance, é preciso fornecer aos alunos algumas informações sobre a vida da autora.

Sabe-se que Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, filha de judeus que vieram para o Brasil, tentando escapar do ambiente hostil imposto a esse povo no início do século XX, na Europa<sup>7</sup>. No Brasil, a família se fixa, em Pernambuco, e vive com muitas dificuldades financeiras e, posteriormente, já adulta, Clarice vai para o Rio de Janeiro, onde trilha sua

---

<sup>7</sup> Maiores informações podem ser obtidas em DUTRA, Homero Bergamaschi. **O direito ao grito:** a metáfora em A hora da estrela, de Clarice Lispector. USC. Caxias do Sul, 2007. Disponível em: [http://tede.uces.br/tde\\_arquivos/1/TDE-2007-09-24T122606Z-138/Publico/Dissertacao%20Homero%20Bergamaschi%20Dutra.pdf](http://tede.uces.br/tde_arquivos/1/TDE-2007-09-24T122606Z-138/Publico/Dissertacao%20Homero%20Bergamaschi%20Dutra.pdf). Acesso em: 10 de março de 2013.

trajetória de escritora. Assim, sua origem judia e nordestina está presente na figura de Macabéa, cujo nome tem raízes bíblicas. O livro *Os Macabeus*, do antigo testamento, narra a luta dos Macabeus que, recusando-se a desobedecer às leis judaicas, buscaram defender o Templo no Monte Sião contra a força dos gregos. Nesse romance de Clarice, como os judeus e os nordestinos, Macabéa é expulsa de sua terra e vive como um ser desajustado a seu mundo.

É interessante destacar que, na obra clariceana, o ambiente externo quase não é retratado<sup>8</sup>. Em *A hora da Estrela*, por exemplo, o local onde vive Macabéa, a cidade do Rio de Janeiro, é descrito em poucas palavras, porque o que é mais relevante para a autora é desnudar o interior do ser humano, revelar o seu lado psicológico, sondar o sentido de sua existência. O **existencialismo**, portanto, é uma característica fulcral na produção dessa autora.

Outro traço marcante da obra é a **metalinguagem**. Clarice faz uso dela como forma de discutir sua própria identidade, a função que desempenha como escritora e qual o real papel de sua escrita. Paralela à história de Macabéa, o discurso narrativo chama a atenção antes da história propriamente dita, convidando-nos a analisar o narrador “que fala”. A escritora usa o recurso da falsa autoria, personagem-narrador Rodrigo S. M., escritor fracassado e intelectual em crise no limite do anonimato e da farsa. Através desse narrador, Clarice revela seu fazer literário “Tudo isso eu disse tão longamente por medo de ter prometido demais e dar apenas o simples e o pouco. Pois esta história é quase nada.

---

<sup>8</sup> Como foi visto no ciclo anterior, o regionalismo foi o traço central na obra de Graciliano Ramos, principalmente, em *Vidas Secas*. No entanto, nessa obra, o ambiente externo ocupava lugar de destaque, já que, de acordo com a tese realista, o meio influencia as ações humanas. No romance, os personagens apresentavam atitudes próximas a de um animal devido à condição sub-humana imposta pelas consequências da seca.

O jeito é começar de repente assim como eu me lanço de repente na água gélida do mar, modo de enfrentar com uma coragem suicida o intenso frio. Vou agora começar pelo meio dizendo que [...]”. Assim, a obra também é um romance sobre o romance, uma das características da literatura contemporânea.

Acrescente, ainda, que, culpado pela impotência diante da miséria da nordestina, o narrador parece se julgar e se condenar em público (“Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça.”). Leve os alunos a notarem que esse narrador vai ainda além dessa declaração de culpa ao obrigar o leitor (ao qual se refere como “vós”) a também abandonar seu comodismo e assumir a responsabilidade frente à pobreza alheia: “Ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acredita. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditarem alguém ou em alguma coisa – basta acreditar.”.

Seria interessante, também, chamar a atenção do aluno para o uso constante que o narrador faz de parênteses não só para incluir digressões como para marcar detalhes de caracterização das cenas narradas. Nesse aspecto, merece destaque a repetição dos parênteses em que se assinala o termo “explosão”, usado para anunciar momentos tidos como cruciais no enredo, como no trecho em que o patrão anuncia à Macabéa que ela está dispensada do emprego. Além disso, acrescente que a fragmentação do discurso – que passa do relato de mero observador às confissões de narrador-personagem e, ainda, aos pensamentos da personagem Macabéa – é um recurso expressivo comum, não somente na obra de Clarice, como também em outros exemplares do romance pós-moderno.

Por fim, vale a pena explorar, com os alunos, o seguinte trecho, que parece justificar o título da obra “A hora da estrela”:

*“Esse não saber pode parecer ruim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome; nasce-se e fica-se logo sabendo. Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.”*

A partir desse fragmento, comente, com a turma, que o sonho de Macabéa era ser como uma estrela de cinema, mais especificamente, a atriz norte-americana Marilyn Monroe, que se tornou “sex symbol” da América e morreu, prematuramente (apenas com 36 anos de idade), devido ao uso excessivo de drogas. Ironicamente, no romance, Macabéa tem seus “15 minutos de fama” quando é atropelada por uma Mercedes-Benz (cujo símbolo é uma estrela) e morre. A estrela sucumbe à sociedade capitalista. Acrescente que, curiosamente, a estrela também é o símbolo da nação de Israel e do povo judeu, mais uma influência da origem judaica da autora.

Assim, em *A hora da estrela*, encontra-se uma aproximação entre a literatura e a própria vida. A condição do escritor, as inquietações que movem a urdidura ficcional refletem a própria condição do ser humano que almeja saber qual a razão de sua existência.

Após essa análise, você pode sintetizar os traços principais da obra de Clarice: **existencialismo, religiosidade e uso da metalinguagem**. Essas características, embora tenham sido levadas ao extremo pela autora, não são exclusivas de sua obra, estão também presentes em boa parte do romance contemporâneo.

Depois de se deter na análise de um exemplar de Clarice Lispector, seria interessante expor o contexto no qual se desenvolveu o Pós-Modernismo: o cenário mundial após a segunda grande guerra. Nesse aspecto, tanto na esfera política, quanto na cultural, assim como na dos costumes, esse período tornou-se cenário de profundas alterações no comportamento: a solidão dos indivíduos nas grandes cidades, a

mecanização da vida, as relações tensas entre vida pessoal e regras sociais, a massificação, as crises existenciais, as desigualdades econômicas, entre outros fatores, transformam o mundo após a segunda guerra.

Cabe acrescentar que, em relação ao Brasil, após 1945, o cenário cultural reflete essas mudanças na vida do indivíduo. A literatura brasileira passa a trilhar caminhos diversos, que recebem denominações como terceira fase modernista, pós-moderna ou contemporânea. A prosa, tanto nos contos, como nos romances, segue, por vezes, o caminho já iniciado na segunda fase modernista, porém com uma complexidade cada vez maior: aprofundam-se questões já trabalhadas, mas desponta-se para um caráter universalizante, pela tematização dos dramas humanos.

É interessante que os alunos sejam levados a entender que, nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, não existe um projeto comum compartilhado pelos escritores. Cada autor constrói seu mundo literário, desenvolve seu próprio conceito de estilo, de expressão artística, destacando, assim, uma singularidade que nem sempre pode ser percebida numa visão geral do período. Comente, com eles, que, em um primeiro momento, as produções literárias apresentam narrativas que demonstram três fortes tendências: a prosa de sondagem psicológica, a prosa urbana e a prosa regionalista. Um quadro comparativo, como o sugerido a seguir, com características próprias de cada tendência pode ser um elemento esclarecedor.

**Quadro 1 - Quadro Comparativo**

<b>PROSA DE SONDADEM PSICOLÓGICA</b>	<b>PROSA URBANA</b>	<b>PROSA REGIONALISTA</b>
Análise do mundo interior das personagens.	Conflito do indivíduo frente ao meio social.	Retratos dos problemas do indivíduo do interior do país numa dimensão universalista.

Com o auxílio desse quadro, os alunos poderão perceber as principais diretrizes de cada tendência. A narrativa de sondagem psicológica se concentra na análise do mundo interior das personagens com textos mais penetrantes e complexos. Geralmente, as narrativas são centradas em momentos de vivência interior das personagens. A melhor representante desta fase é a escritora Clarice Lispector, já vista, por eles, neste passo.

A seguir, a narrativa urbana enfoca o conflito do indivíduo frente ao meio social, essa vertente vai se tornar muito comum, principalmente, nos contos. Dalton Trevisan destaca-se nessa tendência.

Por último, ressalte que a prosa regionalista se afirma, nesta fase, como um dos fortes marcos da literatura brasileira: a vida e a realidade do interior do país são retratadas por intermédio dos tipos humanos e de problemas sociais. Guimarães Rosa é um marco nessa tendência, pois suas obras, geralmente, giram em torno de temas regionalistas, mas adquirem uma dimensão universalista ao problematizar o sentido da vida do indivíduo.

A fim de aprofundar a compreensão do quadro comparativo, seria interessante a apresentação aos alunos de textos de autores representativos das principais tendências da prosa narrativa, pois assim, os alunos poderiam perceber as peculiaridades de cada tendência.

## **PASSO 2: ESTUDAR O GÊNERO *EDITORIAL***

Além do gênero *romance*, este bimestre prevê o trabalho com o *editorial*. Dessa forma, depois de analisar um fragmento do romance pós-moderno *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, presente, aos alunos, um editorial que tenha alguma proximidade com o texto já estudado. Como os gêneros diferem, principalmente, por contemplarem objetivos de comunicação distintos, uma maneira interessante de aproximar os dois seria explorar um editorial com uma temática similar às presentes no romance (segregação

social, diferença de classes, alienação, pobreza, miséria, seca sertaneja, êxodo em busca de melhores condições, entre outras). Nesse aspecto, aponta-se como sugestão o editorial a seguir:

#### **Dieta sem miséria**

A luta contra a pobreza extrema é uma bandeira que não se abandona com facilidade. [...]

Soa atraente, nesse contexto, o slogan "O fim da miséria é apenas um começo", lançado recentemente pela presidente Dilma Rousseff. Como peça publicitária, sobretudo em face de sua mais que provável candidatura à reeleição, a frase tem seus méritos. Como descrição da realidade, porém, esbarra no truque propagandístico e presta um desserviço ao país.

A campanha do governo federal afirma que, em dois anos, 22 milhões de brasileiros galgaram a linha da miséria. Segundo a publicidade oficial, todos os beneficiários do Bolsa Família deixaram a pobreza extrema. Restaria, agora, identificar alguns milhares de miseráveis não cadastrados para erradicar essa chaga social.

[...] continua<sup>9</sup>

Após a leitura do texto na íntegra, você pode dizer que é um exemplar do gênero editorial, cuja função principal é expressar a opinião oficial de uma instituição (jornal, revista) diante dos fatos de maior repercussão no momento. O objetivo de comunicação, portanto, é convencer o leitor a aderir a determinado ponto de vista, por isso a natureza argumentativa desse gênero. Para explorar as características que compõem um editorial, é importante que se apresentem algumas questões:

- (1) Qual é o veículo de comunicação deste editorial e o que você sabe sobre esse veículo?
- (2) Que fato é tema do editorial?

---

<sup>9</sup> Por questões de liberação, o editorial está publicado parcialmente. É importante apresentá-lo integralmente aos alunos. Acesse, na íntegra, em <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/1245276-editorial-dieta-sem-miseria.shtml>.

(3) Qual é o posicionamento do veículo de comunicação acerca desse fato?

(4) Qual é a pessoa verbal utilizada no texto?

Em (1), o próprio editorial faz menção ao veículo “como demonstrou reportagem dessa Folha”, no caso, o jornal Folha de São Paulo. Possivelmente, o aluno responderá que é um jornal de São Paulo, uma das mais importantes capitais brasileiras que apresenta um grande contingente populacional. Você pode acrescentar que é um veículo de grande prestígio nacional voltado para a classe média, já que seu valor é relativamente alto e sua linguagem é mais formal. Comente, ainda, que, dada a importância do veículo como formador de opinião pública, seus textos costumam integrar vestibulares, Enem e concursos em geral.

Em (2), ao tentarem recuperar o fato gerador do editorial, os alunos podem apontar o *slogan* lançado pela presidente ou, ainda, mais especificamente, a afirmação do governo federal de que, “em dois anos, 22 milhões de brasileiros galgaram a linha da miséria”. A partir desse apontamento, em (3), espera-se levar os alunos a perceberem que o *slogan* ou a afirmação esbarram no truque propagandístico e prestam um desserviço ao país, já que não correspondem à descrição da realidade. É importante eles notarem que o jornal se posiciona de forma contrária ao uso dessa afirmação na campanha do governo federal.

Em (4), o aluno será estimulado a recuperar uma das características do gênero editorial: impessoalidade. Em geral, como no exemplo em estudo, no editorial, utiliza-se a terceira pessoa do singular. Isso ocorre porque esse texto não é assinado, já que representa o posicionamento de uma instituição. Além disso, é importante destacar, para a turma, que a impessoalidade é utilizada, em textos argumentativos, como estratégia para conferir valor de verdade a um enunciado. Acrescente que o uso da primeira pessoa revela personalidade em relação ao que está sendo dito e, também por isso, é mais aberto à

contra-argumentação (talvez, por ser uma opinião pessoal); já a terceira pessoa retrata impessoalidade (não pessoal) e, portanto, cria uma certa imparcialidade<sup>10</sup> diante dos fatos, o que torna o enunciado menos aberto à contra-argumentação por lhe conferir valor de verdade.

Após essas questões, você pode apresentar o quadro a seguir, sintetizando as principais características do editorial:

**Quadro 2 – Características do Gênero Editorial<sup>11</sup>**

IMPESSOALIDADE	Já que a matéria não é assinada, ela vem na terceira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural.
TOPICALIDADE	Trata de uma determinada questão o que permite que o editorial se torne mais preciso e objetivo na expressão da opinião.
CONDENSABILIDADE	Ser claro e breve. O público atual exige rapidez na leitura.
PLASTICIDADE	Como os textos jornalísticos são ancorados pelos fatos que acontecem no cotidiano, eles possuem um caráter mais dinâmico.

Após a apresentação desses dois gêneros, romance e editorial, você pode ressaltar que diferentes gêneros devido às mais diversas necessidades comunicativas: informar, persuadir, entreter entre outras. Para cada fim, a língua oferece, além de um repertório

---

<sup>10</sup> Comente que o editorial, apesar de defender um ponto de vista, pretende transmitir uma ideia de imparcialidade para fazer os leitores aderirem à opinião em defesa. É uma estratégia utilizada em textos argumentativos.

<sup>11</sup> Estas características foram extraídas de MELO, José Marques de. **A opinião do jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

lexical e gramatical mais pertinente, uma estrutura que expressa, de maneira mais adequada, a finalidade social com que o texto foi construído.

Pode ser interessante, nesse momento, pedir para os alunos sistematizarem o que estudaram acerca dos dois gêneros em um quadro comparativo. Uma sugestão é apresentar o quadro a seguir, explicando cada uma das características constantes na primeira coluna vertical:

**Quadro 3 – Características dos Gêneros Romance e Editorial**

Características/Gênero	<i>Romance</i>	<i>Editorial</i>
Domínio discursivo		
Tipo textual predominante		
Finalidade		
Suporte		
Estrutura		
Temática		
Linguagem		

Dessa forma, comente, com os alunos, que um **domínio discursivo** pode ser compreendido como uma esfera social ou institucional que reúne variados gêneros próprios de determinada rotina comunicativa; o domínio *publicitário*, por exemplo, abrange propagandas, anúncios, cartazes etc; o *instrucional*, receitas, manuais, regulamentos etc. É importante recuperar, com os alunos, alguns domínios mais

frequentes nas práticas sociais cotidianas, como religioso, ficcional, científico, jornalístico, jurídico, comercial, entre outros.

Com relação ao **tipo textual**, seria interessante oferecer aos alunos, pelo menos, os mais recorrentes: narração, descrição e argumentação (você pode complementar com a exposição e a injunção, se achar necessário). Acrescente, ainda, que diferentes sequências tipológicas podem aparecer em um mesmo texto.

Acerca da **finalidade** comunicativa, você pode comentar, com eles, que o ato de comunicar (tornar comum uma mensagem) é determinado, também, pelo objetivo que se tem nas mais diversas práticas sociais (oferecer exemplos pode tornar mais clara essa percepção – notícia: objetivo de informar; peça publicitária: objetivo de vender; receita: objetivo de instruir etc.).

Uma definição para o **suporte** poderia ser a de um instrumento, material ou digital, utilizado para “suportar” (ou “comportar”) o texto, como, por exemplo, um livro, uma revista, um jornal, uma página virtual, entre outros.

Com relação à **estrutura**, os alunos, provavelmente, já estudaram textos estruturados de diferentes formas. Além de lembrar noções como *prosa* e *versos*, oriente os alunos a observarem a extensão do texto e a forma como as ideias foram divididas.

Sobre a **temática**, é importante esclarecer, para os alunos, que ela pode ser variada ou mais rígida, dependendo do gênero. Uma notícia, por exemplo, tem como tema um fato considerado importante em determinado momento histórico.

Finalmente, no que diz respeito à **linguagem** utilizada em um texto, você pode orientar os alunos a perceberem o grau de formalidade ou, ainda, se foi privilegiada a denotação ou a conotação.

Depois de discutir cada uma das características da tabela com os alunos, espera-se que eles apontem especificidades dos gêneros *romance* e *editorial*, como na sistematização sugerida a seguir:

**Quadro 4 – Características dos Gêneros Romance e Editorial**

<b>Características/Gênero</b>	<b><i>Romance</i></b>	<b><i>Editorial</i></b>
<b>Domínio discursivo</b>	Ficcional / Literário	Jornalístico
<b>Tipo textual predominante</b>	Narrativo	Argumentativo
<b>Finalidade</b>	Entreter	Convencer /Persuadir
<b>Suporte</b>	Livros	Jornais, revistas, <i>sites</i>
<b>Estrutura</b>	Texto longo, estruturado em prosa e dividido em capítulos	Texto curto, estruturado em prosa e dividido em parágrafos
<b>Temática</b>	Variada	Fato atual e polêmico
<b>Linguagem</b>	Formal ou informal; presença, em geral, de conotação (uso de figuras como metáfora, hipérbole etc.)	Formal; predomínio da denotação

Essa sistematização com as características de romance e editorial será útil para o estudo do gênero a ser trabalhado no passo seguinte, a crônica jornalística.

### **PASSO 3: APRESENTAR A CRÔNICA JORNALÍSTICA COMO GÊNERO HÍBRIDO – PALAVRA QUE ENCANTA + PALAVRA QUE INFORMA**

Como o gênero *crônica* figura com uma diversidade de tipos (por exemplo, especializada, ou mais literária, ou mais argumentativa etc.), para apresentá-lo aos alunos, seria interessante partir de características comuns, como sua origem e função social.

Você pode iniciar apresentando a etimologia do termo “crônica”, que está relacionada à palavra grega *chronos*, tempo; através de sua transposição para o latim (de *Chronos* para *Saturnus*, ou seja, “saturado de anos”), o termo passou a significar o registro dos fatos contemporâneos. Por esse aspecto, os relatos das grandes navegações podem ser considerados as primeiras crônicas escritas em terras brasileiras, e Pero Vaz de Caminha, portanto, nosso primeiro cronista, “pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva”<sup>12</sup>. Tal visão, contudo, se prende a uma ideia embrionária da crônica como um relato histórico.

Acrescente, para os alunos, que, no Brasil, a crônica, como fruto do jornal, vai, paulatinamente, deixando essa marca de registro documental para se firmar como um comentário subjetivo da realidade, que pode ser compartilhado pelo leitor, mas pode pertencer apenas ao imaginário do cronista<sup>13</sup>. Mencione que, sob esse ângulo de recriação da realidade, a crônica ganha sua tessitura híbrida: ao mesmo tempo, concisa, consciente do espaço geográfico do jornal, mas também subjetiva, opinativa, por vezes lírica, assumindo uma textura literária.

---

<sup>12</sup> SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2005.

<sup>13</sup> Também, por isso, o termo “crônica” segue caminhos diferentes: em inglês, espanhol, francês e italiano, serve somente para designar um relato histórico, como a etimologia aponta. Já em português, este termo ganha outro sentido.

É importante os alunos compreenderem que a crônica, tal como é conhecida hoje, é um texto curto, em prosa, que, a partir de um fato cotidiano, desenvolve reflexões do cronista com humor, poesia, ironia e crítica, proporcionando ao leitor experiência estética ou de vida. Logo, é possível considerar que a crônica pertence, simultaneamente, ao jornalismo, quando busca, no cotidiano, os fatos da vida real que são noticiosos, e à literatura, quando se permite utilizar elementos literários (ex: criação de personagens, linguagem solta e coloquial, lirismo etc.) para construí-la.

Vale acrescentar que, de fato, o espaço da crônica no jornalismo brasileiro é a seção dos textos de opinião e se assemelha, sem dúvida, a artigos de opinião e ensaios. Tem-se aqui, então, uma mudança no foco textual: se, no domínio discursivo literário, a crônica estava ligada a um modo de organização narrativo, identificado com relato cronológico de episódios, com as marcas intrínsecas da narração, no domínio discursivo jornalístico, o gênero passa a adotar, também, um modo de organização textual predominantemente argumentativo, com marcas de subjetividade próprias da argumentação.

Como os alunos, no passo anterior, analisaram diferenças entre um gênero essencialmente literário, o *romance*, e um jornalístico, o *editorial*, seria interessante utilizar esses conhecimentos prévios na análise de um exemplar do gênero focalizado neste passo: a *crônica jornalística*. Como sugestão de trabalho, segue um exemplo<sup>14</sup>, de Joaquim Ferreira dos Santos, publicada em sua seleção de crônicas, “O que as mulheres procuram na bolsa”:

---

<sup>14</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **O que as mulheres procuram na bolsa**: crônicas. Rio de Janeiro: Record, 2003.

### **Meu pé de milho murchou**

Aprendi com Rubem Braga. Numa semana de dezembro de 1945, os americanos entraram em contato com a lua através do radar, o que na época era emocionante. Rubem anunciou o feito na primeira linha da crônica para logo na segunda colocá-lo em seu devido lugar: "Mas o fato mais importante da semana aconteceu com o meu pé de milho".

Era o que eu queria dizer. Os americanos conquistaram Bagdá. Mas o mais importante acontecimento desses primeiros dias de abril de 2003 foi o que aconteceu com o meu pé de milho. Literalmente.

Estou me desfazendo da casa em que passei toda a minha adolescência, ao redor de Madureira, e onde ainda hoje existe, por uma coincidência que só o meu fervor cívico por Braga explicaria, uma plantação de milho. Casa e milharal foram vendidos a preço de banana. Tudo pela impossibilidade de conviver com balas perdidas que desabam nos quartos, ameaça de invasão e outras pragas que vicejam na horta das famílias cariocas. Meu pé de milho murchou. Não dá mais para cultivar platitudes ingênuas no subúrbio do Rio. [...]

Era uma casa muito engraçada, com todos os adereços de uma boa casa suburbana, a começar pelo São Jorge em azulejo na fachada e o quintal quilométrico que servia de base para o lançamento de pipa e balão japonês. Não mais. Não faz muito tempo meus pais colocavam cadeiras na calçada e ao final do dia dedicavam-se a conversas como as dos amigos de Rubem Braga na tal crônica: o pé que nascia era de milho mesmo ou era um pé de cana? Não há mais clima para especular amenidades nem curtir nostalgias de ai como era bom. Tinha sempre jogo de bola, tinha forró, pique esconde, tripeiro e, no Carnaval, de cada portão tinha sempre alguém saindo fantasiado em verde e branco para desfilar na Império Serrano. Tinha. Alegres passadismos suburbanos. Todos mortos. Chama o corretor e vamos fazer a mudança rápido. O que tem agora é muito medo. Madureira chorou.

[...]

Há muito tempo já não moro naquela casa que ora se vende ao arremedo da primeira oferta [...]. Foi ótimo enquanto durou e a ideia era que durasse para sempre. Mas não deu. O medo venceu o medo. A casa tem novo dono.

Foram exatos quarenta anos desde a construção, por meu pai até este momento em que o noticiário policial sai das páginas e bate no portão dizendo chegou a sua vez, mermão, passe a chave do casarão. Hora de sair de mansinho e, depois de ver o jornal da

manhã, agradecer pela sorte – o que deposito desde já na conta dos bons fluidos da menininha com as flores. Há famílias que estão perdendo o filho, como a da adolescente no metrô da Tijuca. Outras perdem o pai, como a do professor de Laranjeiras. A violência no Rio é democrática e tem para todos. Aguarde na fila. Questão de tempo, já disseram. Ela apresenta-se de muitas maneiras, nem sempre com o barulho clássico do horror de um tiro. Em alguns casos e apenas essa porta que bate e interrompe, passado e futuro, a felicidade suburbana que foi e que poderia ter sido.

A partir da crônica, você pode propor alguns questionamentos que levem os alunos a uma reflexão inicial, como os sugeridos a seguir:

- (1) Qual é o tema da crônica?
- (2) A partir de que fato esse tema é desenvolvido?
- (3) Que características do gênero *romance* são possíveis recuperar?
- (4) Que características do gênero *editorial* são possíveis recuperar?

Em (1), os alunos notarão que a crônica retrata o cenário em que se transformou o Rio de Janeiro, imerso num mundo de violência. Acrescente que, de forma bastante lírica, o cronista opõe passado e presente, deixando claro que não há escolhas – “*o medo venceu o medo*”.

Em (2), a turma, provavelmente, recuperará o fato gerador da reflexão presente na crônica no 2º parágrafo: “Os americanos conquistaram Bagdá”. Leve-os a relacionarem essa ocorrência ao desenvolvimento temático feito na crônica: o acontecimento histórico da Guerra do Iraque e a tomada de Bagdá pelos americanos são, metonimicamente, representados pela violência que assola os subúrbios do Rio. Seria interessante acrescentar que foram comuns, nos jornais da época, manchetes do tipo “O Iraque é aqui”.

Para responder às questões (3) e (4), seria interessante revisitar o quadro do passo 1 que apresenta as características dos gêneros *romance* e *editorial*. A partir dele, os

alunos poderão fazer um levantamento inicial dos traços de cada gênero presentes na crônica em estudo. Em (3), eles perceberão que há especificidades do domínio discursivo literário, principalmente em relação à subjetividade e ao uso de linguagem conotativa e, por vezes, informal (“Casa e milharal foram vendidos a preço de banana”; “Não há mais clima para especular amenidades nem curtir nostalgias de *ai como era bom.*”). Em (4), eles poderão notar que características do *editorial*, como estrutura e temática, também estão presentes na crônica.

Após essa reflexão inicial, chame a atenção deles para algumas marcas do caráter híbrido do gênero *crônica jornalística*: o traço de subjetividade (o “eu” presente na arquitetura do texto); o registro do mundo em que o autor-narrador vive; a marca do registro circunstancial feito por um narrador-repórter que relata o fato, e, ao mesmo tempo, o traço poético do olhar do cronista.

Oriente os alunos a perceberem que o cronista faz um recorte de um fato cotidiano, conferindo a tal fato um tratamento subjetivo, uma vez que particulariza a cena através de sua vivência pessoal. Entretanto, e aqui se insere a verve literária, comente que, ao particularizar, universaliza a cena projetada, uma vez que o leitor se vê refletido ali, com maior ou menor intensidade. Nesse aspecto, a crônica envolveria uma cumplicidade entre autor e leitor; este deposita ali também suas experiências, resignificando a crônica.

Vale destacar, para os alunos, que, sob a ótica híbrida da composição textual da crônica, percebem-se traços de um modo argumentativo da construção do texto, por sua postura opinativa, e ainda os traços de um modo narrativo, por sua postura de relato, com uma tessitura poética, por conta do tom empregado no texto.

Acrescente que esse tom é revelado logo no começo da crônica: a alusão a Rubem Braga, considerado por Joaquim, e por muitos, o maior de todos os cronistas, revela que o fato histórico do contato do homem com a lua, por meio de radar, está em segundo plano diante do crescimento de um pé de milho. É a valorização da beleza das pequenas coisas, o prosaico como acontecimento, arquitetura típica de Rubem Braga, encontrada em várias de suas crônicas, como “A outra noite”, ou “Os jornais”. No entanto, o cronista subverte esse tom ameno diante da realidade que bate e interrompe passado e futuro: seu pé de milho murchou. Em outro nível de leitura, perdido está, também, seu passado, com todas as projeções para o futuro, restando as lembranças daquilo que poderia ter sido e não foi, como revelado no fechamento do texto.

Destaque que a intertextualidade com a crônica de Rubem Braga se transpõe quase que integralmente: diante de um fato histórico, a prioridade é o acontecimento prosaico do indivíduo. Dessa maneira, sob uma tez de nostalgia e passadismo, típicos da composição do cronista Joaquim Ferreira dos Santos, o texto expõe a fragilidade urbana, em que uma sociedade se vê submetida a todo espectro de violência. E, de forma poética, a menina Gabriela, morta num ato de violência no metrô da Tijuca, alinha-se às vítimas da Guerra do Iraque. A violência, no Rio, e no mundo, tem sido democrática. Seria interessante levantar com a turma outros exemplos de violência recentes.

É importante frisar que não há, na crônica, um caráter acadêmico, ensaístico (na visão que esse gênero traz, hoje); da mesma forma, a sua tessitura poética não engendra uma estrutura tal que lhe empreste características de um romance, como um aprofundamento da natureza de personagens.

Dessa forma, é essencial a compreensão pelos alunos de que a crônica (sobretudo, a que se coloca em foco aqui, a jornalística) traz essa marca discursiva dual: a palavra

que encanta, pelo jogo de ironias, pelas intertextualidades (o diálogo com Vinicius de Moraes em *“Era uma casa muito engraçada”*, por exemplo), representa traços de um olhar literário; a palavra que informa, que leva à reflexão, revela traços da visão opinativa do autor. Sob a marca da subjetividade, autor e narrador se confundem no espaço da crônica jornalística.

Assim, por seus traços, que se aproximam ora de artigos, ensaios ou editoriais, ora de romances ou contos, a crônica estabelece-se como um gênero híbrido, popular, com cores nacionais, empregando um discurso lúdico, em que a linguagem de entretenimento caminha ao lado do processo de reflexão, pelo prazer, pela dialogia.

Por fim, destaque, para a turma, que a crônica, organizada sob um modo narrativo ou argumentativo, será sempre caracterizada pelo grau da informalidade, empregando uma linguagem que, mesmo levando a uma reflexão sobre o tema posto, é empregada com a marca do entretenimento. Eis o resumo dessa visão de crônica jornalística como gênero híbrido: a palavra que informa, que faz pensar, é a mesma que encanta, que leva ao deleite.

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e suas avaliações, foram listadas e comentadas, a seguir, algumas das mais significativas e acessíveis publicações que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

## INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

### Habilidades:

#### LEITURA:

- *Relacionar as características dos editoriais e crônicas jornalísticas às produções literárias contemporâneas.*
- *Analisar os recursos expressivos usados pelos autores para veiculação de ideologias/estereótipos.*
- *Reconhecer os efeitos expressivos do registro de fluxo da consciência e do discurso indireto livre.*

#### USO DA LÍNGUA:

- *Analisar os diferentes recursos linguísticos utilizados na escrituração de editoriais e ensaios.*
- *Distinguir os tipos de discurso (direto, indireto e indireto livre) presentes nos gêneros estudados.*

### Livros teóricos:

BENDER, Flora e LAURITO, Ilka. **Crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.

Neste livro, as autoras fazem um levantamento superficial da história da crônica de forma bastante acessível. Ao final do livro, ainda há propostas de trabalho com análises de crônicas.

BOSI, Alfredo. **Tendências contemporâneas**. In: \_\_\_\_\_. *História concisa da literatura brasileira*. 43<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006, pp. 383-438.

No capítulo 8, “Tendências contemporâneas”, Bosi apresenta um panorama da literatura brasileira a partir de 30, dividindo esse período em dois momentos: entre 1930/1950, ressaltando *a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna*; a partir de 1950, destaca a natureza eclética e plural da literatura contemporânea e apresenta as tendências do romance nesse período. Nessa parte, o teórico faz uma apresentação consistente das características das obras de Clarice Lispector (pp. 422-426) e de Guimarães Rosa (pp. 426-434). Dedicar-se, ainda, a expor considerações sobre a ficção entre os anos 70 e 90 (pp. 434-438).

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: CANDIDO, Antonio (*et al*). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp – Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

Trata-se de um clássico. Nessa polêmica introdução ao livro, Candido revela seu olhar para a crônica como um gênero menor, do que, de fato, discorda-se com veemência.

COUTINHO, Afrânio. **Ensaio e crônica**. In: \_\_\_\_\_. *A literatura no Brasil*, v.6. São Paulo: Global, 2003.

No volume seis desse clássico da teoria literária, especialmente neste capítulo, que trata de ensaio e crônica, Coutinho faz reflexões acerca do papel literário da crônica, em detrimento ao traço acadêmico do ensaio.

FERREIRA, Simone C. Salviano. **Afinal, o que é crônica.** In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos; FINOTTI, Luisa H. Borges; MESQUITA, Elisete M. Carvalho de. (orgs.). *Gêneros de texto: caracterização e ensino.* Uberlândia, MG: EDUFU, 2007.

Nesse capítulo, Simone Ferreira esmiúça os vários tipos de crônica e a origem do gênero. Recomendável para quem quer se especializar nesse gênero textual.

GAVAZZI, Sigrid e RODRIGUES, Tânia Mara. **Verbos dicendi na mídia impressa: categorização e papel social.** In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida e GAVAZZI, Sigrid. (orgs.) *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, pp. 51-61.

As autoras analisam o uso dos verbos *dicendi* (introdutores de fala reportada) em dois jornais cariocas, um de natureza mais elitista e outro mais popular, e mostram que o modelo de jornalismo empregado pode ser mais subjetivo e crítico. Concluem, portanto, que não “há conhecimento neutro, opinião neutra e, por analogia, texto neutro.”. O artigo é interessante porque fornece ao professor pistas linguísticas, presentes no discurso midiático, que ampliam a capacidade leitora do aluno.

MELO, José Marques de. **A crônica.** In: CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex (orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra.* São Paulo: Escrituras, 2002.

Nesse capítulo, Melo estabelece uma associação entre jornalismo e literatura, analisando os pontos de contato entre esses dois domínios de conhecimento.

SÁ, Jorge de. **A crônica.** São Paulo: Ática, 2005.

Nesse livro, resumidamente, tem-se uma análise do gênero – da sua formação a sua tipificação nos dias de hoje.

SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de e BIASI-RODRIGUES, Bernadete. **Um estudo da sequência argumentativa em editoriais de jornais.** In: CAVALCANTE *et al.* (orgs.) *Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e sequências textuais*. Vol11. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 141-168.

Nesse artigo, as autoras discutem conceitos teóricos como argumentação e sequência argumentativa e depois apresentam uma análise de sequências argumentativas em editoriais publicados em jornais. O estudo revela que os elementos indispensáveis nesse gênero são os dados e a conclusão. Esclarecem, ainda, que, em relação ao editorial, a conclusão, muitas vezes, pode vir subentendida. Frisam a importância de se trabalhar com exemplares autênticos do gênero editorial, porque sua análise pode capacitar ainda mais o aluno a redigir seu próprio texto argumentativo.

### **Livros didáticos:**

CEREJA, William Roberto. **Literatura brasileira:** ensino médio. 3 ed. São Paulo: Atual, 2005.

Nos capítulos 53 e 54, são apresentadas características da geração de 45 da literatura brasileira. No capítulo 53 (pp. 516-525), é proposto um estudo de alguns textos de Clarice Lispector. Já no capítulo seguinte (pp. 526-534), o foco é a obra de Guimarães Rosa, outro importante representante da literatura contemporânea no Brasil.

DE NICOLA, José. **Literatura brasileira:** das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2007.

O capítulo 28 tem como foco a literatura no Brasil depois de 45. Depois de apresentar o contexto histórico em que o pós-modernismo se desenvolveu bem como algumas

características desse movimento, o livro propõe o estudo de textos de autores representativos do período, como Guimarães Rosa (pp. 523-528) e Clarice Lispector (pp. 529-531).

SARMENTO, Leila Lauar e TUFANO, Douglas. **Português:** literatura, gramática e produção de texto. Volume único. São Paulo: Moderna, 2004.

No capítulo 20, “Pós-modernismo: prosa”, os autores, de forma breve, apontam as principais tendências da prosa moderna (análise psicológica, realismo fantástico e regionalismo) e conferem destaque às obras de Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Apresentam ainda o gênero crônica, ressaltando sua natureza híbrida (pp. 164-171).

No capítulo 53, “Gêneros textuais em jornal e revista”, expõem e exemplificam as características dos gêneros midiáticos: editorial e crônica. Apresentam ainda atividade de leitura e interpretação de textos desses gêneros.